



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Brendo Rosa Severgnini

**A família Myrtaceae Juss. no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da  
Conceição, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**

Florianópolis

2023

Brendo Rosa Severgnini

**A família Myrtaceae Juss. no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da  
Conceição, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Dra. Duane Fernandes de Souza Lima

Florianópolis

2023

Severgnini, Brendo Rosa

A família Myrtaceae Juss. no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil / Brendo Rosa Severgnini ; orientadora, Duane Fernandes de Souza Lima, 2023.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Ciências Biológicas. 3. Myrtaceae. 4. Lagoa da Conceição. 5. Levantamento florístico. I. Lima, Duane Fernandes de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Brendo Rosa Severgnini

**A família Myrtaceae Juss. no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da  
Conceição, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de  
Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 08 de novembro de 2023.



Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Dra. Duane Fernandes de Souza Lima  
Orientadora



Profª. Dra. Mayara Krasinski Caddah  
Universidade Federal de Santa Catarina



Ma. Ana Flávia Augustin  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Universidade Federal de Santa Catarina que fez parte da minha trajetória desde o ensino fundamental até a graduação. Muito do que sou eu devo à UFSC, universidade pública, de qualidade e que eu tenho muito orgulho de fazer parte.

Agradeço ao Herbário FLOR e ao Laboratório de Sistemática Vegetal pelo empréstimo de materiais e estrutura que viabilizaram a realização deste trabalho.

Agradeço também a Duane por ter aceitado me orientar mesmo sem nenhum contato prévio. Obrigado por ter tornado a experiência deste trabalho muito melhor do que eu esperava, pelo seu trabalho excepcional na orientação, pelas trocas, pelo aprendizado e por me contagiar com a sua admiração pelo o que faz.

Sou grato a professora Mayara pelas aulas de sistemática Vegetal, e por despertar em mim o interesse por essa área incrível.

Aos maravilhosos colegas da biologia que cruzaram meu caminho na graduação, mas principalmente ao Antony, Larissa e Nataly. Vocês são as melhores coisas que me aconteceram no curso, tenho muito orgulho de quem vocês estão se tornando e me sinto privilegiado de dividir a vida com vocês.

Aos igualmente maravilhosos amigos de fora do curso: Eryck, Gabriel e Rafael. Obrigado pelo suporte e acolhimento em todo os sentidos, por se fazerem presentes na construção de como eu me entendo hoje e por também dividirem suas vidas comigo.

Agradeço aos meus irmãos Marlon e Tiago, e à minha irmã de coração Aline. Obrigado por serem suporte, pelas trocas e pelo acolhimento.

E finalmente, agradeço a minha mãe Ilene, a pessoa mais incrível que eu conheço. Obrigado por ser forte, por insistir em querer o melhor para quem você ama e por me ensinar tanto. Tudo o que sou hoje é também por você.

## RESUMO

Myrtaceae é a oitava família mais rica de angiospermas do mundo, com 6019 espécies distribuídas em 145 gêneros. Com exceção de uma, todas as espécies de Myrtaceae nativas das Américas pertencem à tribo Myrteae, e podem ser reconhecidas principalmente por possuírem folhas opostas, tricomas simples, ovário ínfero e frutos carnosos. No Brasil, a família está representada por 1200 espécies em 29 gêneros, sendo que mais da metade destas ocorre no domínio Mata Atlântica, um dos hotspots de diversidade do planeta. O Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, localizado na porção leste do município de Florianópolis, Santa Catarina, é uma importante unidade de conservação inserida no domínio Mata Atlântica, principalmente por se tratar de uma região costeira, que é, historicamente, uma das mais impactadas por ação antrópica. Sendo o levantamento florístico um dos estudos base para o conhecimento da flora de um determinado local e que contribui para a criação de medidas para a preservação, o presente trabalho teve como objetivo ampliar os conhecimentos sobre a família Myrtaceae no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição por meio de um tratamento taxonômico. Amostras da família provenientes do Herbário FLOR e coletadas em saídas a campo que ocorreram entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023 foram estudadas. Todo o material foi analisado e morfológicamente descrito. Foram registradas 10 espécies distribuídas em quatro gêneros, sendo nove espécies nativas e *Psidium guajava*, que é naturalizada. Os gêneros *Myrcia* e *Eugenia* foram os mais ricos (com 4 e 3 spp., respectivamente), seguido por *Psidium* (2 spp.) e *Campomanesia* (1 sp.). As espécies *Myrcia brasiliensis*, *M. multiflora* e *P. guajava* foram registradas pela primeira vez no parque. Além das descrições morfológicas, estão disponíveis fotos, comentários e uma chave de identificação das espécies analisadas.

Palavras-chave: levantamento florístico; restinga; Mata Atlântica; taxonomia.

## ABSTRACT

Myrtaceae is the eighth richest angiosperm family in the globe, with 6,019 species and 145 genera. Excepted for one species, all other Myrtaceae native to the Americas belong to the tribe Myrteae and can be recognized mainly by their opposite leaves, simple trichomes, inferior ovary and fleshy fruits. In Brazil, the family is represented by 1,200 species in 29 genera, more than half of which occur in the Atlantic Forest domain, one of the planet's diversity hotspots. The Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, located in the eastern part of the municipality of Florianópolis, Santa Catarina, is an important conservation unit in the Atlantic Forest domain, mainly because it encompasses a coastal region that has historically been one of the most impacted by human activity. Since floristic survey studies are the basis for knowledge of the flora of a given area and contribute to the creation of measures for its preservation, the aim of this study was to expand the knowledge of Myrtaceae in the Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição through a taxonomic treatment. Samples deposited in the FLOR herbarium and collected during field trips that took place between December 2022 and February 2023 were studied. All material was analyzed and morphologically described. Ten species were recorded in the park, distributed in four genera, nine of which are native species and *Psidium guajava* is naturalized. *Myrcia* and *Eugenia* were the richest genera (with 4 and 3 spp., respectively), followed by *Psidium* (2 spp.) and *Campomanesia* (1 sp.). *Myrcia brasiliensis*, *M. multiflora* and *P. guajava* were recorded for the first time in the park. In addition to the morphological descriptions, photos, comments and an identification key for the species analyzed are available.

Key words: floristic survey, restinga, Atlantic Forest, taxonomy

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>13</b>
3.1 ÁREA DE ESTUDO.....	13
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES DO PARQUE.....	15
3.3 PROCEDIMENTO DE CAMPO E LABORATÓRIO.....	15
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>5 MYRTACEAE.....</b>	<b>18</b>
Chave de identificação para as espécies de Myrtaceae do PDLC.....	19
5.1 <i>Campomanesia littoralis</i> .....	20
5.2 <i>Eugenia astringens</i> .....	21
5.3 <i>Eugenia catharinae</i> .....	21
5.4 <i>Eugenia uniflora</i> .....	22
5.5 <i>Myrcia brasiliensis</i> .....	23
5.6 <i>Myrcia multiflora</i> .....	25
5.7 <i>Myrcia palustris</i> .....	26
5.8 <i>Myrcia splendens</i> .....	28
5.9 <i>Psidium cattleyanum</i> .....	29
5.10 <i>Psidium guajava</i> .....	30
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A família Myrtaceae é a oitava família mais rica de angiospermas do mundo, com 145 gêneros e 6019 espécies (WILSON, 2011; WCSP, 2022). Possui distribuição pantropical com predominância no hemisfério sul e centros de diversidade na América do Sul, Austrália e Sudeste da Ásia (THORNHILL *et al.*, 2015; WILSON *et al.*, 2001).

Atualmente, Myrtaceae está dividida em duas subfamílias: Psiloxylloideae, com dois gêneros (duas tribos) e Myrtoideae com todos os demais (18 tribos) (WILSON, 2011; WILSON; HESLEWOOD; TARRAN, 2022). Esta organização nem sempre foi assim, sendo Myrtaceae antes dividida nas subfamílias Leptospermoideae e Myrtoideae, que não são monofiléticas, o que só foi evidenciado em estudos moleculares mais recentes (WILSON, 2011). Psiloxylloideae caracteriza-se por plantas dióicas, com folhas espiraladas, presença de cavidades secretoras (não contendo óleos em *Psiloxylon* Thouars ex Tul.), estames não flexionados no botão, anteras tetraloculares na antese, óvulos com saco embrionário bispórico do tipo *Allium* e número de cromossomos  $x=12$ . Myrtoideae são plantas com flores bissexuais, folhas dispostas em espiral ou opostas, cavidades secretoras presentes, contendo óleos essenciais, estames flexionados no botão, anteras biloculares na antese, óvulos com saco embrionário monospórico do tipo *Polygonum* e número de cromossomos  $x=11$  (WILSON, 2011; MYBURG *et al.*, 2014).

Todas as mirtáceas nativas das Américas pertencem à tribo Myrteae (subfamília Myrtoideae) com exceção de *Metrosideros stipularis* (Hook. & Arn.) Hook.f. pertencente à tribo Metrosidereae. Myrteae é a tribo mais rica de Myrtaceae, com 2500 espécies representadas em 51 gêneros (VASCONCELOS *et al.*, 2017). São árvores, às vezes arbustos, com folhas opostas e tricomas simples (podendo ser em formato de “T”, os chamados tricomas dibraquiados). O ovário é ínfero e principalmente bi ou trilocular, com placentação axilar. Os frutos são indeiscentes, carnosos e com sementes geralmente numerosas. Os cotilédones são pequenos a folhosos ou espessos (WILSON, 2011).

Por muito tempo Myrteae foi dividida em três subtribos: Myrtinae, Myrciinae e Eugeniinae baseado nos trabalhos de De Candolle, 1828 e Berg, 1855-1859 os quais elencaram características morfológicas do embrião para tal classificação (MCVAUGH, 1968; WILSON, 2011; WAGNER e FIASCHI, 2020). Myrtinae caracterizava-se pela presença de cotilédones pequenos ou vestigiais e hipocótilo desenvolvido. Eugeniinae por cotilédones carnosos e hipocótilo vestigial. Já Myrciinae por cotilédones foliáceos e hipocótilo

desenvolvido. Estudos moleculares atuais (LUCAS *et al.*, 2007; VASCONCELOS *et al.*, 2017) mostraram que esta divisão resulta em grupos polifiléticos. Atualmente, a classificação de Myrteae segue uma lógica natural, baseada tanto em evidências moleculares como morfológicas, resultando em nove subtribos que representam grupos monofiléticos (LUCAS *et al.*, 2019).

No Brasil, Myrtaceae está representada por 1200 espécies em 29 gêneros, segundo a Flora e Funga do Brasil (PROENÇA *et al.*, 2023). A mesma fonte mostra que mais da metade desta riqueza ocorre no domínio Mata Atlântica, correspondente a 701 espécies em 18 gêneros. Esses dados são justificáveis, levando em consideração que este bioma é um dos mais diversos do planeta, concentrando mais de 20.000 espécies de árvores e arbustos (MYERS *et al.*, 2000; BRASIL, 2022). Apesar disso, o mesmo encontra-se bastante ameaçado, restando hoje apenas 7,5% da sua extensão original, principalmente devido à ação antrópica (MYERS *et al.*, 2000).

A Mata Atlântica é um bioma bastante complexo, composto tanto por formações florestais quanto por ecossistemas associados. As florestas podem ser definidas como Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucárias), Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Estacional Decidual. Os ecossistemas por sua vez são manguezais, restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encraves florestais do Nordeste (BRASIL, 2022). Na região costeira são encontradas planícies formadas por sedimentos terciários e quaternários, podendo estar associados a desembocaduras de grandes rios e/ou reentrâncias na linha de costa, intercaladas por falésias e costões rochosos, as quais são comumente denominadas planícies costeiras ou litorâneas (SILVA, 1998). A estas planícies, o termo “restinga” é frequentemente associado, apesar do significado do termo ser divergente e se referir tanto a cobertura vegetal, quanto o sistema substrato-vegetação como um todo (SILVA, 1998). No presente trabalho será utilizado o conceito de restinga atribuído por Falkenberg (1999) para o sul do Brasil, no qual estes ambientes são definidos como um conjunto de ecossistemas com comunidades florística e fisionomicamente distintas, dispostas em solos predominantemente arenosos e pouco desenvolvidos, cujo as formações vegetais são definidas pelo solo e clima, sendo encontradas em praias, dunas depressões e planícies.

A vegetação da restinga possui fisionomias que variam de herbácea/subarbustiva a arbustiva ou arbórea, que podem ocorrer em mosaico, devido a diferentes níveis de drenagem do solo, ou apresentar um gradiente no sentido oceano-continente onde a riqueza de espécies, lenhosidade e a altura da vegetação aumentam conforme o distanciamento em relação ao mar

(FALKENBERG, 1999). A mesma atua na estabilização dos sedimentos, na manutenção da drenagem, no acúmulo de matéria orgânica e também na preservação da fauna residente e migratória (FALKENBERG, 1999). Apesar das características únicas e do importante papel que desempenham, os ecossistemas costeiros foram, historicamente, os mais impactados pela ocupação e pelo extrativismo no Brasil, o que pode ter levado à extinção de diversas comunidades vegetais (ARAÚJO e HENRIQUES, 1984).

Segundo Falkenberg (1999), as restingas catarinenses foram dizimadas desde o início da colonização europeia, devido à proximidade com os primeiros povoamentos e cidades, pela maior facilidade de ocupação e pela menor velocidade e capacidade de regeneração delas em relação às florestas. Tais circunstâncias alertam para a necessidade de estudos para o conhecimento destas áreas e que respaldem a criação de medidas de proteção.

Os estudos taxonômicos de Myrtaceae em Santa Catarina se iniciaram entre as décadas de 60 e 70 com as publicações de Legrand (1961) e da Flora Ilustrada Catarinense (LEGRAND e KLEIN 1967, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972, 1977a, 1977b, 1978). Porém, boa parte desses trabalhos encontra-se desatualizada, frente às novidades taxonômicas recentes em Myrtaceae. Santa Catarina conta com poucos estudos taxonômicos atualizados que descrevem morfologicamente as espécies da família e apresentam chaves de identificação e ilustrações. A exemplo temos Vieira (2010) que realizou um levantamento da flora de Myrtaceae na região do Alto Quiriri, em localidades acima dos 1200 metros de altitude em relação ao nível do mar, onde encontrou 26 espécies em 10 gêneros sendo *Myrceugenia* Berg. e *Myrcia* DC. os mais ricos. Wagner (2016) estudou Myrtaceae na região altomontana do Parque Nacional de São Joaquim, reconhecendo 16 espécies, distribuídas em sete gêneros, destacando-se como mais rico o gênero *Myrceugenia*. Pellis, Ferreira e Caddah (2021), em um levantamento florístico de Myrtaceae no Parque Municipal da Lagoa do Peri, encontraram 25 espécies em sete gêneros, sendo *Eugenia* L. e *Myrcia* os mais ricos. Além disso, alguns trabalhos florísticos em áreas de restinga catarinenses apontam a expressiva presença de espécies de Myrtaceae nestes locais (BRESOLIN, 1979; GUIMARÃES, 2006; OLIVEIRA, 2020).

Abrigando uma grande área de restinga, o Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição (PDLC), situado na porção leste a Ilha de Santa Catarina, tem registro de sete espécies nativas de Myrtaceae, distribuídas em quatro gêneros, segundo dados preliminares de coleções biológicas. Entretanto, é muito provável que a riqueza de espécies da família no PDLC esteja subestimada, a exemplo de *Myrcia brasiliensis* Kiaersk., que já foi

avistada na área do parque, mas não tem nenhum registro em herbário. Apesar de haver estudos realizados na área (DIAS, 2000; GOMES, 2003; SIQUEIRA, 2004; GÜTTLER, 2006), o parque carece de informações do ponto de vista florístico, fato que se torna ainda mais importante se considerado a ampliação da área do mesmo em 2018 (FLORIANÓPOLIS, 2018) e a sua importância para conservação de ambientes naturais na Ilha de Santa Catarina.

Considerando a presença significativa de Myrtaceae na Mata Atlântica como um todo e em áreas de restinga, e sendo o levantamento florístico um estudo base para o conhecimento da composição da comunidade vegetal de uma determinada área, o presente trabalho busca ampliar os conhecimentos acerca desta família no PDLC de forma a contribuir com a conservação das espécies do parque e de ambientes costeiros no sul do país.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Realizar um tratamento taxonômico da família Myrtaceae no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, ampliando os conhecimentos sobre a flora da família no estado de Santa Catarina.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

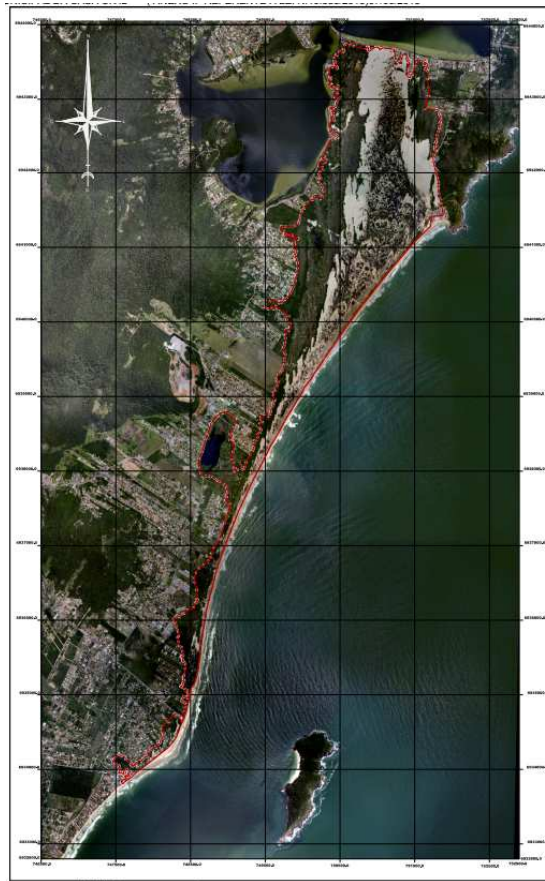
- Coletar e identificar espécies de Myrtaceae que ocorrem na área do Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.
- Avaliar a ocorrência de espécies de Myrtaceae ainda não registradas na área do parque.
- Analisar exsicatas depositadas no herbário FLOR, bem como enriquecer a coleção do mesmo através de novas coletas.
- Descrever morfológicamente e ilustrar todas as espécies de Myrtaceae observadas na área do parque.
- Produzir chave de identificação das espécies de Myrtaceae ocorrentes no parque.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 ÁREA DE ESTUDO

O Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição é uma unidade de conservação de proteção integral situada no litoral leste do município de Florianópolis, SC, entre as latitudes  $27^{\circ} 36' 24''$  –  $27^{\circ} 38' 39''$  S e as longitudes  $48^{\circ} 26' 49''$  –  $48^{\circ} 28' 05''$  W (FLORIANÓPOLIS, 2018). Abrange todo o complexo de dunas da Joaquina até Morro das Pedras, além da Lagoa Pequena e Lagoa da Chica que constituem parte da restinga da região.

Figura 1 - Localização do Parque Natural Municipal das Dunas da lagoa da Conceição, Florianópolis, Santa Catarina



Fonte: Anexo II - LEI N.10.388/2018)07/06/2018

O parque foi criado através do Decreto Municipal nº 231, de 16 de setembro de 1988 (FLORIANÓPOLIS, 1988) com o objetivo de proteger as restingas da Lagoa da Conceição e da Joaquina, totalizando uma área de 500 hectares. Até então a unidade de conservação

possuía a categoria de Parque Municipal, a qual foi modificada em 2018 para Parque Natural Municipal, com a inclusão das áreas de restinga adjacentes e da Lagoa Pequena e Lagoa da Chica por meio da Lei Municipal n. 10.388, de 05 de junho de 2018, tendo atualmente 706,76 hectares (FLORIANÓPOLIS, 2018).

O clima da região é do tipo Cfa (temperado subtropical) segundo a classificação de Köppen-Geiger (PEEL; FINLAYSON; MCMAHON, 2007). A temperatura média anual é de 20,4°C, com verões que não ultrapassam 40°C e invernos com temperaturas superiores a 0°C. A média anual de precipitações é de 1.521 mm, distribuídas ao longo de todo o ano (CECCA, 1996).

A área possui notável riqueza natural, tanto no sentido paisagístico quanto pelas características da biota local. As paisagens constituem-se de dunas, lagoas naturais, vegetação de restinga, praias no limite leste do parque e também pela proximidade com a Lagoa da Conceição no limite norte (FLORAM, 2019) . Em relação ao meio biótico, o parque abriga uma importante diversidade faunística, estimada em 75 espécies de aves, 20 de anfíbios e 19 de répteis e de mamíferos, conforme listado no Programa de Recuperação de Áreas Degradadas realizado pela CASAN em 2021. Esses números consideram espécies já registradas no PDLC, mas também espécies de possível ocorrência no parque, com base em estudos realizados em locais similares na Ilha de Santa Catarina e restingas de outros municípios do estado.

Ainda em relação ao meio biótico, a vegetação também apresenta uma riqueza considerável, com cerca de 326 espécies de plantas, correspondente a 1/3 da riqueza encontrada por Reitz (1961) em toda a zona marítima de Santa Catarina, conforme mencionado por Guimarães em seu levantamento realizado em 2006 no parque. Há registro também de flora ameaçada de extinção, como o caso da *Calophyllum brasiliense* Cambess. que possui status CR (Criticamente em Perigo) (CASAN, 2021a).

Apesar de todas estas características que evidenciam a necessidade de esforços para a preservação desta unidade de conservação, a mesma vem sofrendo impactos ambientais causados pelo avanço da urbanização no entorno da Lagoa da Conceição, principalmente pelo aumento populacional em Florianópolis a partir da década de 70 (AIMI, 2023; CASAN, 2021a). Outras ameaças são a invasão de *Pinus elliottii* Engelm, que vem sendo controlada desde 2010 pelo Instituto Hórus e outros colaboradores (DECHOUM *et al.*, 2018), o despejo de efluentes e o rompimento de uma das lagoas da evapoinfiltração da ETE da Lagoa da Conceição, que está situada dentro dos limites do PDLC (AIMI, 2023; CASAN, 2021a).

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES DO PARQUE

Através de características físicas e do tipo de vegetação, Guimarães (2006) reconheceu oito habitats distintos no parque, sendo eles praia, duna frontal, dunas internas (móveis, semifixas e fixas) e baixadas (secas, úmidas e alagadas). A praia possui vegetação predominantemente herbácea e com riqueza muito reduzida pela proximidade com o mar. A duna frontal possui riqueza mais significativa se comparada com a praia, com vegetação esparsa que vai de herbácea-subarbusativa até arbustos isolados. Dunas internas móveis são caracterizadas pela ausência de vegetação ou que, quando presente, se dá de forma esparsa e com fitofisionomia herbáceo-subarbusativa. Devido a vegetação escassa, o sedimento está sujeito a mobilidade pela ação do vento. Dunas internas semifixas possuem maior cobertura vegetal do que as móveis, variando de 1/5 a 4/5 da superfície, estando, portanto, menos suscetíveis à ação do vento. A vegetação é predominantemente herbáceo-subarbusativa, mas possui também arbustos de até 1,5 m de altura. As espécies estão distribuídas tanto de forma esparsa como agrupada. Dunas internas fixas apresentam cobertura vegetal superior a 4/5 da superfície, sendo caracterizada principalmente por espécies arbustivas de maior porte, com até 2,5 m de altura, embora ocorra também vegetação herbáceo-subarbusativa. Baixadas secas são os habitats que menos alagam entre os três tipos de baixadas, com raras inundações que permanecem por pouquíssimo tempo. A vegetação é principalmente herbáceo-subarbusativa, mas apresenta também arbustos e moitas arbustivas de forma isolada. A cobertura vegetal varia de esparsa a bastante densa, onde espécies herbáceas cobrem o solo completamente. Dentre os habitats reconhecidos no parque, as baixas secas são as mais ricas em número de espécies. Baixadas úmidas, diferente das secas, ficam alagadas por semanas e até meses. O solo é mais escuro, devido à umidade e acúmulo de matéria orgânica em decomposição. A vegetação varia de herbáceo-subarbusativa a arbustiva, bem como a cobertura também é variável. Baixadas alagadas configuram os habitats com depressões mais acentuadas, podendo chegar a 1,5 m de profundidade. Por essa razão, há maior acúmulo de água proveniente das precipitações, o que mantém esses habitats alagados durante a maior parte do ano. A vegetação é exclusivamente herbácea, e a cobertura varia entre quase ausente a bastante densa.

### 3.3 PROCEDIMENTO DE CAMPO E LABORATÓRIO

O material botânico foi coletado por meio de cinco saídas a campo, que ocorreram no período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. Os locais para as coletas dentro do parque foram escolhidos utilizando como critério áreas com pouco ou nenhuma coleta de Myrtaceae, sendo elas: trilha a partir da Servidão da Lua (região conhecida como Beco da Lua), Lagoa Pequena e Lagoa da Chica, incluindo nesta última o trecho de praia em frente a lagoa.

Foram coletados todos os exemplares de Myrtaceae encontrados em fase reprodutiva, utilizando-se de tesoura de poda. Os materiais foram identificados em campo, fotografados e georreferenciados, Informações sobre altura, hábito, fenologia, coloração e estágio de maturação de frutos foram anotadas. Durante o campo, os exemplares foram etiquetados e armazenados em saco plástico, sendo posteriormente colocados em prensa simples de jornal e papelão para o transporte.

Após o campo, as coletas foram levadas para o Laboratório de Sistemática Vegetal da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foram prensadas e colocadas em estufa para secagem. Todas as coletas serão depositadas no Herbário FLOR. Esses materiais, bem como outros previamente coletados no parque e depositados no Herbário FLOR, foram analisados e morfologicamente descritos. Para complementar a descrição de espécies coletadas apenas uma vez, foram analisadas também exemplares oriundos de outras localidades do litoral de Santa Catarina, os quais estão identificados como material adicional.

Figura 2 - Localização dos locais de coleta e detalhe das áreas.



Fonte: elaborado pelo autor



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram registradas no PDLC 10 espécies de Myrtaceae distribuídas em quatro gêneros, sendo nove espécies nativas e *Psidium guajava* L., que é naturalizada. Os gêneros *Myrcia* e *Eugenia* foram os mais ricos, representados por quatro e três espécies, respectivamente. O gênero *Psidium* L. se mostrou o terceiro mais rico, com duas espécies coletadas. Por fim, o gênero *Campomanesia* Ruiz & Pav. está representado por uma espécie. Três espécies foram registradas pela primeira vez no parque no presente trabalho: *Myrcia brasiliensis*, *M. multiflora* (Lam.) DC. e *Psidium guajava*.

Tabela 1 - Lista de espécies encontradas no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição e quantidade de coletas por espécie antes e depois do presente estudo.

Espécie	Autor	Coletas em Herbário	Coletas Realizadas Neste Estudo
<i>Campomanesia littoralis</i>	D. Legrand	3	4
<i>Eugenia astringens</i>	Cambess	2	1
<i>Eugenia catharinae</i>	O. Berg	2	5
<i>Eugenia uniflora</i>	L.	1	3
<i>Myrcia brasiliensis</i>	Kiaersk.	-	1
<i>Myrcia multiflora</i>	(Lam.) DC.	-	7
<i>Myrcia palustris</i>	DC.	5	9
<i>Myrcia splendens</i>	(Sw.) DC.	3	6
<i>Psidium cattleyanum</i>	Sabine	2	8
<i>Psidium guajava</i>	L.	-	1
Total:		18	45

Fonte: Elaborada pelo Autor.

A riqueza observada no parque para os gêneros *Myrcia* e *Eugenia* vão de encontro com os dados encontrados na Flora e Funga do Brasil (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023; SANTOS *et al.*, 2023), que apontam estes gêneros como os mais ricos em Myrtaceae no País. Segundo esta fonte, *Myrcia* e *Eugenia* possuem 403 e 414 espécies respectivamente, sendo que mais da metade desta riqueza, em ambos os gêneros, ocorre no Domínio Mata

Atlântica. Em Santa Catarina, *Myrcia* está representada por 53 espécies e *Eugenia* por 65 (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023; SANTOS *et al.*, 2023), sendo estes também bastante expressivos em ambientes de restinga do estado (BRESOLIN, 1979; DANILEVICZ; JANKE; PANKOWSKI, 1990; MELO JÚNIOR e BOEGER, 2015; OLIVEIRA, 2020).

O gênero *Campomanesia* está representado por 35 espécies no Brasil, de um total de 42 espécies conhecidas (OLIVEIRA; COSTA; PROENÇA, 2023; POWO, 2023). Das espécies brasileiras, 29 ocorrem no Domínio Mata Atlântica e 25 são endêmicas. As regiões sudeste e nordeste possuem maior expressividade do gênero, com 25 e 15, espécies respectivamente. Na região sul, o mesmo está representado por 12 espécies, onde nove ocorrem em Santa Catarina (OLIVEIRA; COSTA; PROENÇA, 2023).

*Psidium* apresenta 60 espécies no Brasil, das quais 38 são endêmicas. Esta riqueza está mais concentrada nos domínios Mata Atlântica com 35 espécies, Cerrado com 29, e Caatinga com 19 espécies. Em Santa Catarina ocorrem nove espécies do gênero, de um total de 20 para toda a região sul (PROENÇA; COSTA; TULER, 2023). *Psidium cattleianum* é tipicamente encontrado em matas de restinga no sul do país (SCHERER; MARASCHIN-SILVA; BAPTISTA, 2005; LIMA; CADDAH; GOLDENBERG, 2015; OLIVEIRA, 2020).

## 5 MYRTACEAE

Myrtaceae Juss., Gen. Pl.: 322. 1789.

Árvores ou arbustos. Plantas com tricomas simples, dibráquiados ou glabras. Folhas opostas, alternas, raramente verticiladas, simples, inteiras, com venação penínervia e glândulas translúcidas evidentes. Estípulas ausentes ou diminutas. Inflorescências axilares ou terminais, em racemos, glomérulos, panículas, fascículos, dicásios ou flores solitárias. Flores predominantemente bissexuais e actinomorfas, corola 4-5 mero com pétalas geralmente brancas, livres ou unidas e formando uma caliptra (raro ausente). Cálice 4-5 mero, aberto ou fechado nos botões florais, raramente diminuto ou ausente. Duas bractéolas. Hipanto prolongado ou não acima do ovário. Ovário geralmente ínfero ou semi-ínfero (súpero em Psiloxylodeae), 2-5(-18)-locular com placentação axilar, parietal ou basal. Estames quase sempre numerosos, multisseriados e livres. Semente 1-numerosas. Frutos secos deiscentes e indeiscentes ou carnosos do tipo baga, raramente drupa (Adaptado de Kawasaki 1989, Landrum & Kawasaki 1997 e Wilson 2011).

### Chave de identificação para as espécies de Myrtaceae do PDLC

1. Inflorescências paniculadas.....2
  2. Folhas lanceoladas, raramente estreito-elípticas .....*Myrcia splendens*
  - 2'. Folhas obovadas a elípticas.....3
    3. Folhas com ápice acuminado ou cuspidado, raramente agudo; flores com hipanto glabro exteriormente.....*Myrcia multiflora*
    - 3'. Folhas com ápice obtuso ou arredondado, às vezes agudo; flores com hipanto com tricomas exteriormente
      4. Folhas com lâminas de até 4,2 cm compr.; nervura marginal 0,6-1,5 mm da borda.....*Myrcia palustris*
      - 4'. Folhas com lâminas acima de 4,3 cm compr.; nervura marginal 0,3-0,8 mm da borda.....*Myrcia brasiliensis*
- 1'. Inflorescências de outros tipos ou flores isoladas.....5
  5. Flores 4-meras.....6
    6. Arvoreta; pecíolos maiores ou iguais a 5,3 mm compr.; frutos elipsoides.....*Eugenia astringens*
    - 6'. Arbusto; pecíolos até 3,9 mm compr.; frutos globosos.....7
      7. Folhas obovadas, raramente elípticas ou circulares; frutos lisos.....*Eugenia catharinae*
      - 7'. Folhas elípticas ou ovadas; frutos costados.....*Eugenia uniflora*
  - 5'. Flores 5-meras.....8
    8. Folhas com margem repanda ou raramente ondulada, com até 46 mm compr.....*Campomanesia littoralis*
    - 8'. Folhas com margem lisa, acima de 56 mm compr.....9
      9. Folhas obovadas, com base aguda e 7-12 nervuras laterais de cada lado da nervura central.....*Psidium cattleyanum*
      - 9'. Folhas elípticas, com base obtusa, às vezes arredondada, e 17-19 nervuras laterais de cada lado da nervura central.....*Psidium guajava*

### 5.1 *Campomanesia littoralis* D. Legrand, Sellowia 13: 335. 1961. Fig. 2a, 4a.

Subarbustos a arvoretas até 2,0 m alt. Ramos, pecíolos e folhas em ambas as faces (sobre a nervura central e eventualmente nas secundárias) e pedúnculos com tricomas esparsos ou glabros. Folhas com pecíolos 5,9–12,6 mm compr.; lâmina 2,4–4,6 × 2–3,2 cm, elíptica, circular ou ovada, ápice acuminado, raro cuspidado ou obtuso, base obtusa ou arredondada, raro subcordada, margem repanda, raro ondulada, nervura central sulcada na face adaxial, raramente plana próximo do ápice, nervuras secundárias 5–8 de cada lado, nervura marginal 0,9–2,1 mm da borda. Pedúnculos unifloros 22,9–32,8 mm compr.; bractéolas 3,7–5,8 × 0,7–1,4 mm. Flores com hipanto não elevado acima do ovário, exteriormente com tricomas esparsos ou glabro; cálice -5-mero; ovário 7-10-locular. Frutos globosos, 5,9–13,2 × 7,5–12,5 mm, lisos, alaranjados quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Lagoa da Conceição, 12-XII-1968, *R.M. Klein 8053* (FLOR); Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 30-I-2004, *T.B. Guimarães 456* (FLOR); idem, 23-X-2004, *T.B. Guimarães 721* (CRI, FLOR, HUEFS); idem, Trilha do Beco da Lua, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 08* (FLOR); idem, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 28* (FLOR); idem, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 32* (FLOR); idem, Praia Lomba do Sabão, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 40* (FLOR).

Distribuição e comentários: Endêmica do Brasil, a espécie ocorre exclusivamente no domínio Mata Atlântica, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (OLIVEIRA; COSTA; PROENÇA, 2023). As folhas com margem repanda, os pecíolos longos e o elevado número de lóculos nos ovários são características marcantes desta espécie. No PDLC foi observada em áreas de vegetação de restinga arbustiva de dunas internas fixas e vegetação herbácea-subarbustiva na transição entre a praia e a duna frontal. Esta espécie é considerada por alguns autores como uma variedade de *C. xanthocarpa*, porém, neste trabalho, *C. littoralis* será considerada como uma espécie distinta, levando em consideração as características morfológicas e o habitat.

Fenologia: Coletada com flores em outubro, dezembro e fevereiro e com frutos em dezembro e janeiro.

**5.2 *Eugenia astringens*** Cambess, Fl. Bras. Merid. 2(20): 361. [1833]. Fig. 2b, 2c, 4b.

Arvoretas a árvores até 4 m alt. Plantas glabras. Folhas com pecíolos 5,4–10,7 mm compr.; lâmina 3,4–9 × 1,8–5,3 cm, elíptica ou amplamente elíptica, ápice acuminado, base aguda ou obtusa, raro arredondada, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial, nervuras secundárias 5–10 de cada lado, nervura marginal 1,5–4 mm da borda. Fascículos, pedicelos 1,6–13,1 mm compr.; bractéolas 0,1–1,3 × 1,2–1,3 mm. Flores com hipanto não elevado acima do ovário; exteriormente glabro; cálice -4-mero; ovário não observado. Frutos elipsoides, 5,3–13 × 4–8 mm, lisos, roxos quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 26-V-2005, *D.B. Falkenberg 1078* (CRI, FLOR); idem, 22-V-2004; *T.B. Guimarães 568* (FLOR); idem, Lagoa da Chica, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 39* (FLOR).

Distribuição e comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorre exclusivamente no domínio Mata Atlântica, do Sergipe à Santa Catarina (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023). *Eugenia astringens* é frequentemente encontrada em herbário sob o nome sinônimo *Eugenia umbelliflora*. Caracteriza-se pelas folhas largas com ápice acuminado e pelas inflorescências fasciculadas. Apesar de não ter sido observada com flores abertas, Lima, Caddah e Goldenberg (2015) e Pellis, Ferreira e Caddah (2021) destacam a diferença de tamanho entre as pétalas e sépalas como um aspecto marcante desta espécie, sendo as pétalas consideravelmente maiores que as sépalas. Na área do PDLC foi observada apenas na Lagoa da Chica, local com vegetação antropizada.

Fenologia: Coletada com flores em fevereiro e com frutos em fevereiro e maio.

**5.3 *Eugenia catharinae*** O. Berg, Fl. Bras. 14(1): 259. 1857. Fig. 2d, 2e, 4c.

Arbustos até 1,7 m alt. Plantas glabras. Folhas com pecíolos 1,1–4 mm compr.; lâmina 2,6–4,8 × 1,6–4,2 cm, obovada, raro elíptica ou circular, ápice arredondado ou obtuso, base obtusa ou aguda, raro arredondada, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial ou plana próximo do ápice, nervuras secundárias 5–8 de cada lado, nervura marginal 1–2,5 mm da borda. Fascículos, pedicelos 1,4–6 mm compr.; bractéolas 0,7–1,7 × 0,7–1,4 mm. Flores

com hipanto não elevado acima do ovário; exteriormente glabro; cálice 4-mero; ovário 2-locular. Frutos globosos, 3,8–6,2 × 3,9–7,3 mm, lisos, roxo-escuro quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 30-I-2004, *T.B. Guimarães 459* (FLOR); idem, 20-XII-2004, *T.B. Guimarães 883* (FLOR); idem, Trilha do Beco da Lua, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 06* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 11* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 16* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 20* (FLOR); idem, Praia Lomba do Sabão, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 41* (FLOR).

Distribuição e comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorre exclusivamente no domínio Mata Atlântica, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023). Esta espécie possui folhas lisas, brilhantes com comprimento e largura semelhantes, podendo ser arredondadas. São também bastante aromáticas quando maceradas e as glândulas translúcidas são de fácil observação a olho nu. As sépalas possuem ápice arredondado e as bractéolas são ovadas. No PDLC a espécie foi encontrada em áreas de restinga com vegetação arbustiva e herbácea-subarbustiva, em dunas internas fixas e entre a praia e duna frontal. Foi encontrada também próxima a Lagoa Pequena, apresentando somente ramos estéreis e, portanto, não foi coletada.

Fenologia: Coletada com flores de dezembro a fevereiro e com frutos em dezembro e janeiro.

#### **5.4 *Eugenia uniflora* L., Sp. Pl. 1: 470. 1753. Fig. 2f, 2g, 4d.**

Arbustos a árvores até 4 m alt. Plantas glabras, exceto por tricomas esparsos nos ramos jovens. Folhas com pecíolos 1,9–3,9 mm compr.; lâmina 2,5–5,4 × 1,2–2,4 cm, elíptica ou ovada, ápice acuminado a agudo ou obtuso, base arredondada a obtusa, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial, nervuras secundárias 7–11 de cada lado, nervura marginal 1,1–2,1 mm da borda. Pedúnculos unifloros 18,5–34,1 mm compr.; bractéolas 1,2–3,4 × 0,3–1,5 mm. Flores com hipanto não elevado acima do ovário; exteriormente glabro; cálice 4-mero; ovário 2-locular. Frutos globosos, 3,1–9,7 × 3,6–11,6 mm, costados longitudinalmente, vermelhos quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 23-X-2004, *T.B. Guimarães 700* (FLOR); idem, Lagoa Pequena, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 25* (FLOR); idem, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 26* (FLOR); idem, Lagoa da Chica, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 43* (FLOR).

Distribuição e comentários: A espécie tem distribuição nativa no Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai (POWO 2023). No Brasil, a espécie ocorre nos domínios Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, no Mato Grosso do Sul e de Alagoas ao Rio Grande do Sul (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023). Pode ser distinguida pelas inflorescências auxotéticas, na qual o eixo racemiforme tem seu crescimento continuado dando origem a folhas normais após o desenvolvimento da inflorescência (LIMA; CADDAS; GOLDENBERG, 2015), e pelos frutos costados longitudinalmente. Na área do PDLC foi encontrada somente em locais antropizados, próximo a estrada na Lagoa Pequena ou compondo o paisagismo na Lagoa da Chica.

Fenologia: Coletada com flores em janeiro e fevereiro e com frutos em outubro, janeiro e fevereiro.

### 5.5 *Myrcia brasiliensis* Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 102. 1893. Fig. 2h, 5a.

Arvoretas a árvores até 5 m alt. Ramos com tricomas esparsos a moderados, podendo ser densos nos mais jovens; pecíolos e folhas em ambas as faces (sobre a nervura central e eventualmente nas secundárias) com tricomas moderados a densos, esparsos nas lâminas; inflorescências com tricomas esparsos a moderados. Folhas com pecíolos 2,5–5,7 mm compr.; lâmina 4,3–8,6 × 2,2–3,9 cm, elíptica ou obovada, ápice obtuso ou arredondado, base obtusa ou aguda, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial tornando-se plana próximo do ápice, nervuras secundárias 8–12 de cada lado, nervura marginal 0,3–0,8 mm da borda. Panículas 35,5–106,7 mm compr.; pedicelos 1,4–9,2 mm compr.; bractéolas 2–3 × 0,8–1,1 mm. Flores com hipanto elevado acima do ovário, exteriormente com tricomas densos; cálice 5-mero; ovário 3–4-locular. Frutos globosos, 4,5–6,8 × 5,3–8,5 mm, lisos, amarelados quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Trilha do Beco da Lua, ao lado da passarela de madeira sobre área alagada, 23-V-23, *D.F. Lima 624* (FLOR).

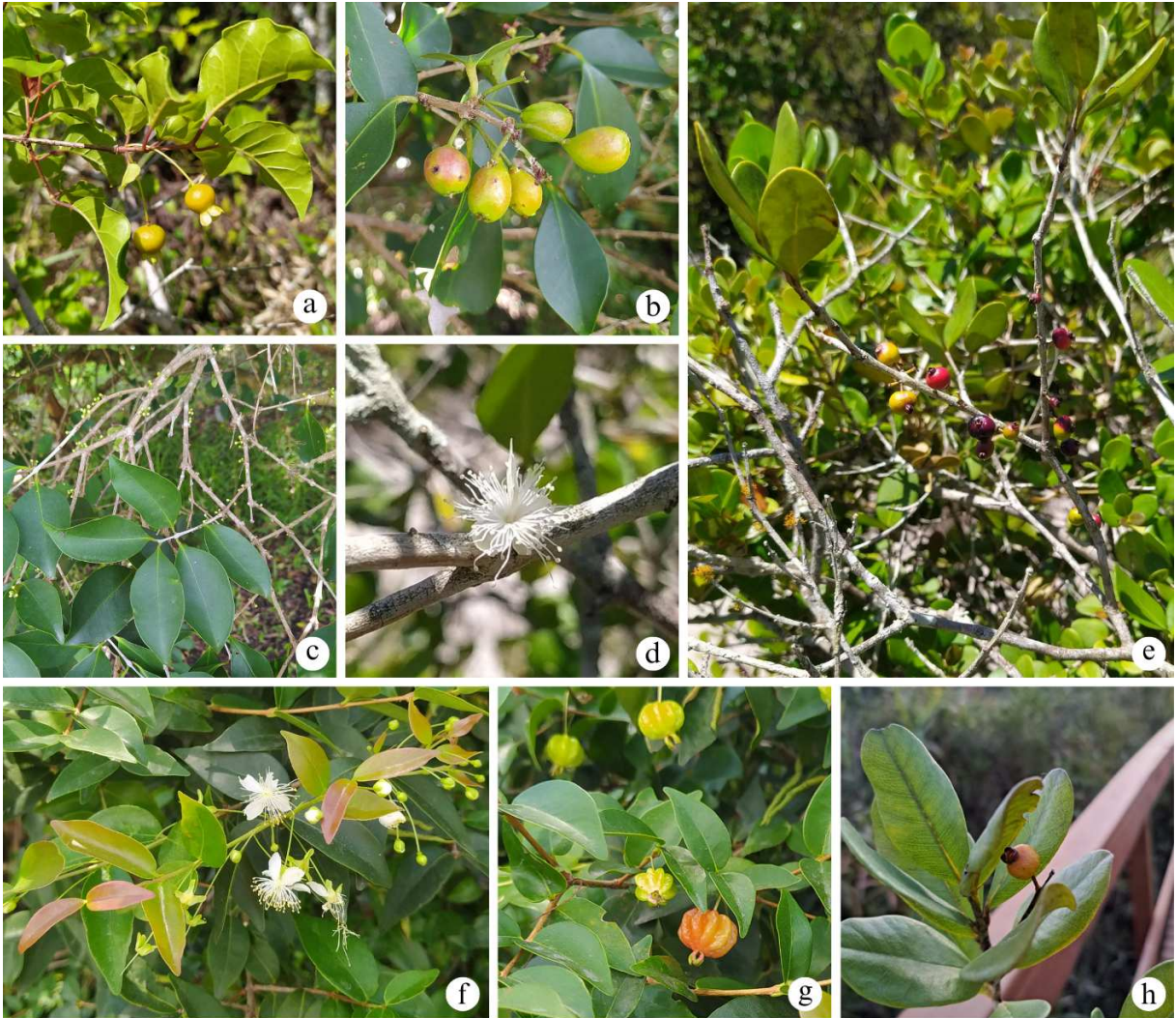
Material adicional: BRASIL. Santa Catarina: Camboriú, estrada que liga SC 486-Camboriú (entroncamento para salto) a 6 km do asfalto, 28-IV-81, *J.M. Campos 36* (FLOR); Florianópolis, Parque Estadual do Rio Vermelho, perto da estrada, 7-XII-2012, *A. Nuernberg 896* (FLOR); Parque Municipal da Lagoa do Peri, Trilha da Gurita, 18-III-2018, *V.F. Pellis 04* (FLOR).

Distribuição e comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorre exclusivamente no domínio Mata Atlântica, da Bahia ao Rio Grande do Sul (SANTOS *et al.*, 2023). As folhas são quase sempre elípticas com margem revoluta. Os tricomas moderados a densos, principalmente em ramos jovens, pecíolos, nervuras das folhas, sépalas e hipanto são também características marcantes desta espécie. *Myrcia brasiliensis* pode ser bastante similar à *M. palutris*, mas em geral apresenta folhas maiores. Este trabalho apresenta o primeiro registro de *M. brasiliensis* no PDLC. A espécie não parece ser comum no parque, foi observada apenas em uma área alagada de baixada úmida com menos de cinco indivíduos de troncos parcialmente submersos.

Fenologia: Coletada com flores em dezembro e com frutos de março a maio.



Figura 3 - a. *Campomanesia littoralis* - folhas e frutos maduros. b-c. *Eugenia astringens* - b. frutos imaturos; c. ramo com folhas e botões. d-e. *Eugenia catharinae* - d. flor; e. ramo com folhas e frutos em diferentes estágios de maturação. f-g. *Eugenia uniflora* - f. ramo com folhas, flores e botões; g. frutos em diferentes estágios de maturação. h. *Myrcia brasiliensis* - ramo com folhas e fruto imaturo.



Fonte: elaborado pelo autor

### 5.6 *Myrcia multiflora* (Lam.) DC., Prodr. 3: 244. 1828. Fig. 3a, 3b, 5b.

Árvores até 3,6 m alt. Ramos, pecíolos, face abaxial das folhas (sobre a nervura central) e inflorescências com tricomas esparsos, eventualmente glabros. Folhas com pecíolos 0,7–2,9 mm compr.; lâmina 2,6–4,4 × 1,7–2,6 cm, obovada a elíptica, ápice acuminado a cuspidado, raro agudo, base aguda, raro obtusa, margem inteira, nervura central plana ou sulcada apenas próximo a base, nervuras secundárias 9–13 de cada lado, nervura marginal 0,4–1,5 mm da borda. Panículas 21,9–83 mm compr.; pedicelos 0,6–2,9 mm compr.; bractéolas 0,4–0,8 × 0,2–0,3 mm. Flores com hipanto elevado acima do ovário, glabro

exteriormente; cálice 5-mero; ovário 2-locular. Frutos globosos, 2,4–4,5 × 2,9–5,2 mm, lisos, avermelhados quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Trilha do Beco da Lua, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 01* (FLOR); idem, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 02* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 13* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 24* (FLOR); idem, Lagoa Pequena, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 33* (FLOR); idem, Lagoa da Chica, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 37* (FLOR); idem, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 38* (FLOR).

Distribuição e comentários: A espécie tem distribuição ampla na América do Sul, não tendo registros apenas na Colômbia e Argentina (POWO 2023). No Brasil, ocorre nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, em toda a Região Sul, Sudeste e Centro-Oeste. No Nordeste ocorre nos estados da Bahia e Rio Grande do Norte. No Norte ocorre no Acre, Amazonas, Pará e Tocantins (SANTOS *et al.*, 2023). Pode ser reconhecida pelas folhas quase sempre elípticas com ápice acuminado e base da folha geralmente revoluta. Em ramos jovens, as folhas frequentemente apresentam coloração avermelhada. As panículas apresentam grande quantidade de flores que são pequenas assim como os frutos. As bractéolas são bastante estreitas e podem apresentar coloração alaranjada em material herborizado. Apesar de ser uma espécie bastante comum, não havia registros de *M. multiflora* no PDLC até os esforços de coleta do presente trabalho. No PDLC a espécie foi encontrada em vegetação de restinga arbustiva/arbórea, frequentemente em locais com solo úmido nas proximidades de áreas alagadas, ou em regiões alagadas de baixadas úmidas, estando com o tronco parcialmente submerso na água. Foi encontrada também em dunas internas fixas.

Fenologia: Coletada com flores em dezembro e janeiro e com frutos em janeiro e fevereiro.

### 5.7 *Myrcia palustris* DC., Prodr. 3: 246. 1828. Fig. 3c, 5c.

Arbustos até 2 m de alt. Ramos, pecíolos e inflorescências com tricomas moderados a densos, raro esparsos ou glabrescentes; face adaxial das folhas, eventualmente apenas sobre a nervura central, com tricomas esparsos; face abaxial das folhas com tricomas esparsos a moderados. Folhas com pecíolos 1,9–3,5 mm compr.; lâmina 2,7–4,2 × 1,1–2,4 cm, elípticas

ou obovadas, ápice obtuso ou arredondado, raro agudo, base aguda ou obtusa, raro arredondada, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial ou plana próximo do ápice, nervuras secundárias 9–15 de cada lado, nervura marginal 0,6–1,5 mm da borda. Panículas 27–71,4 mm compr.; pedicelos 0,9–4,9 mm compr.; bractéolas 1,5–4,1 × 1–1,3 mm. Flores com hipanto elevado acima do ovário, exteriormente com tricomas moderados a densos; cálice 5-mero; ovário 2–, raro 3-locular. Frutos globosos, 3,5–5,7 × 4–5,8 mm, lisos, roxos quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 22-XII-2004, *T.B. Guimarães 1077* (FLOR); idem, 18-III-2005, *T.B. Guimarães 1076* (FLOR); idem, 21-III-2005, *T.B. Guimarães 956* (FLOR); idem, 26-III-2004, *T.B. Guimarães 505* (FLOR); idem, 30-I-2004, *T.B. Guimarães 461* (FLOR); idem, Trilha do Beco da Lua, 12-XII-2019, *D.F. Lima 564* (FLOR); idem, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 07* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 09* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 14* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 15* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 17* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 21* (FLOR); idem, Lagoa Pequena, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 30* (FLOR); idem, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 31* (FLOR); idem, Praia Lomba do Sabão, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 42* (FLOR).

Distribuição e comentários: A espécie ocorre no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (POWO 2023). No Brasil, é distribuída nos domínios Caatinga e Mata Atlântica, em todos os estados das Regiões Sul e Sudeste (SANTOS *et al.*, 2023). As flores possuem coloração branca, podendo se tornar alaranjadas quando secas (tanto no campo quanto nas herborizadas). *Myrcia palustris* é bastante semelhante a *M. brasiliensis* em todas as características avaliadas, diferenciando-se apenas no tamanho das folhas que tendem a ser maiores em *M. brasiliensis*. No PDLC a espécie é extremamente comum e foi observada em áreas de restinga com vegetação herbácea-subarbusciva entre a praia e duna frontal, e vegetação subarbusciva a arbustiva/arbórea de dunas internas fixas. Também na transição entre dunas internas semifixas e móveis, formando agrupamentos densos que cobriam parcialmente a superfície da duna. Estas não foram coletadas.

Fenologia: Coletada com flores em dezembro e janeiro e com frutos em fevereiro e março.

**5.8 *Myrcia splendens* (Sw.) DC., Prodr. 3: 244. 1828. Fig. 3d, 5d.**

Arbustos a arvoretas até 2 m de alt. Ramos, pecíolos e inflorescências com tricomas esparsos a densos; face adaxial das folhas, eventualmente apenas sobre a nervura central, e face abaxial com tricomas moderados a densos, raro esparsos ou glabro. Folhas com pecíolos 1,3–3 mm compr.; lâmina 2,9–6,8 × 0,6–1,8 cm, lanceolada, ápice caudado ou acuminado, base obtusa, arredondada ou aguda, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial ou plana próximo do ápice, nervuras secundárias 14–18 de cada lado, nervura marginal 0,2–0,5 mm da borda. Panículas 10–37,7 mm compr.; pedicelos 0,6–4,8 mm compr.; bractéolas 2,7–4,8 × 0,3–2,1 mm. Flores com hipanto não elevado acima do ovário, exteriormente com tricomas moderados a densos, raro esparsos; cálice 5-mero; ovário 2-locular. Frutos elipsoides, 5,4–11,1 × 5,7–7,4 mm, lisos, roxos quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 30-I-2004, *T.B. Guimarães 460* (FLOR); idem, 30-I-2004, *T.B. Guimarães 1075* (FLOR); idem, 29-XI-2004, *T.B. Guimarães 784* (FLOR); idem, Trilha do Beco da Lua, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 04* (FLOR); idem, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 05* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 12* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 18* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 22* (FLOR); idem, Lagoa Pequena, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 29* (FLOR).

Distribuição e comentários: É amplamente distribuída desde o México e Caribe até a Argentina, com exceção de El Salvador e Uruguai (POWO 2023). No Brasil, a espécie ocorre nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, em todos os estados do país (SANTOS *et al.*, 2023). *Myrcia splendens* é frequentemente encontrada em herbário identificada como o seu sinônimo *M. rostrata*. Diferencia-se das demais espécies do parque pelas folhas lanceoladas com ápice acuminado a caudado, além das numerosas nervuras secundárias de difícil visualização. Na área do PDLC foi observada em áreas de restinga com vegetação subarbustiva e arbustiva/arbórea de dunas internas fixas.

Fenologia: Coletada com flores em novembro e dezembro e com frutos em dezembro e janeiro.

**5.9 *Psidium cattleyanum*** Sabine, Trans. Hort. Soc. London 4: 317. 1822. Fig. 3e, 3f, 6a.

Arbustos a árvores até 7 m de alt. Plantas glabras, raramente com tricomas esparsos nos ramos, pecíolos, nervura central da face abaxial foliar, pedúnculos e flores. Folhas com pecíolos 4,7–16,8 mm compr.; lâmina 5,6–10,2 × 2,2–6 cm, obovada, ápice arredondado a cuspidado, as vezes obtuso, base aguda, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial ou plana próximo do ápice, nervuras secundárias 7–12 de cada lado, nervura marginal 1,1–2,1 mm da borda. Pedúnculos unifloros 3,7–9,2 mm compr.; bractéolas 1,1–2,6 × 0,3–0,9 mm. Flores com hipanto não elevado acima do ovário; cálice 5-mero; ovário 4-5-locular. Frutos globosos, 11,1–22,1 × 10,2–20,6 mm, lisos, avermelhados quando maduros.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, 20-XII-2004, *T.B. Guimarães 833* (FLOR, CRI); idem, 25-I-2005, *T.B. Guimarães 1079* (FLOR); idem, Trilha do Beco da Lua, 05-XII-2022, *B.R. Severgnini 03* (FLOR); idem, 15-XII-2022, *B.R. Severgnini 10* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 19* (FLOR); idem, 05-I-2023, *B.R. Severgnini 23* (FLOR); idem, Lagoa Pequena, 27-I-2023, *B.R. Severgnini 27* (FLOR); idem, Lagoa da Chica, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 34* (FLOR); idem, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 35* (FLOR); idem, 14-II-2023, *B.R. Severgnini 36* (FLOR).

Distribuição e comentários: Ocorre de forma nativa no Brasil e Uruguai (POWO 2023). No Brasil, a espécie ocorre nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, em toda a Região Sul e Sudeste e Nordeste com exceção dos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba (PROENÇA; COSTA; TULER, 2023). Pode ser identificada pelas folhas lisas e obovadas. O tronco é liso e descamante em placas, com coloração castanho claro. Nos frutos, as sépalas são alongadas, tortuosas e irregulares, evidenciando a ruptura das mesmas durante a antese. No PDLC a espécie foi observada em áreas de restinga com vegetação arbustiva/arbórea de dunas internas fixas. Algumas vezes foi encontrada em solo úmido próximo de locais alagados como baixadas úmidas e em torno da Lagoa da Chica.

Fenologia: Coletada com flores em dezembro e janeiro e com frutos em janeiro e fevereiro.

**5.10 *Psidium guajava* L., Sp. Pl. 1: 470. 1753. Fig. 3g, 6b.**

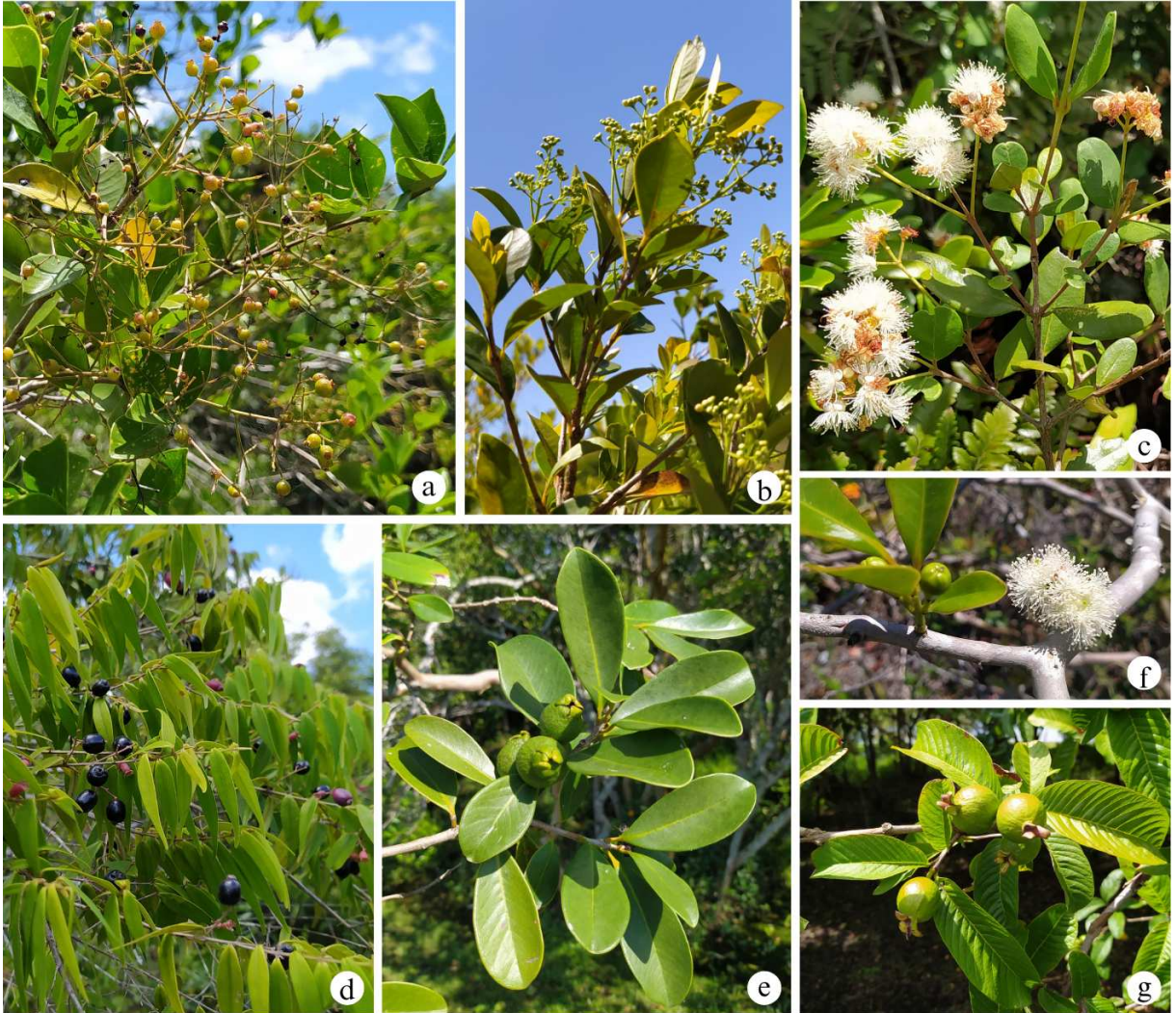
Árvores até 3,6 m alt. Plantas glabras, exceto pelos ramos e pedúnculos frequentemente com tricomas esparsos, e face abaxial das folhas sempre com tricomas esparsos. Folhas com pecíolos 5,8–6,4 mm compr.; lâmina 8–10,1 × 3,8–4,1 cm, elíptica, ápice cuspidado, às vezes obtuso, base obtusa, às vezes arredondada, margem inteira, nervura central sulcada na face adaxial, nervuras secundárias 17–19 de cada lado, nervura marginal a 0,5–0,9 mm da borda. Pedúnculos unifloros 10,8–14 mm compr.; bractéolas 1,3–2,3 × 1,6–3,2 mm. Flores não vistas; cálice 5-mero (visto nos frutos). Frutos globosos, 22–27 × 20–23 mm, lisos, verdes quando imaturos.

Material examinado: BRASIL. Santa Catarina: Florianópolis, Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Lagoa da Chica, 14-II-2023, B.R. Severgnini 44 (FLOR).

Distribuição e comentários: Espécie com ocorrência ampla em regiões tropicais e subtropicais do globo, seja como nativa ou introduzida (POWO 2023). A espécie é naturalizada no Brasil e tem distribuição nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Amazonas, Acre e em toda a Região Sul, Sudeste e Nordeste com exceção do Rio Grande do Norte e da Paraíba (PROENÇA; COSTA; TULER, 2023). *Psidium guajava* é semelhante a *P. cattleyanum*, diferenciando-se principalmente pelas folhas, que neste caso são elípticas e com nervuras laterais bem marcadas no limbo, e pelos frutos que são maiores do que os observados em *P. cattleyanum*. Este trabalho representa o primeiro registro da espécie na área do parque. Foi encontrada somente na Lagoa da Chica, onde provavelmente se estabeleceu por meio de ação antrópica.

Fenologia: Coletada com frutos em fevereiro.

Figura 4 - a-b. *Myrcia multiflora* - a. ramo com folhas e frutos em diferentes estágios de maturação; b. ramo com folhas e botões. c - *Myrcia palustris* - ramo com folhas e flores. d. *Myrcia splendens* - ramo com folhas e frutos maduros. e-f. *Psidium cattleianum* - e. ramo com folhas e frutos imaturos; f. ramo com folhas, botões e flores. g. *Psidium guajava* - ramo com folhas e frutos imaturos.



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 5 - a. *Campomanesia littoralis*; b. *Eugenia astringens*; c. *Eugenia catharinae*; d. *Eugenia uniflora*.



Fonte: elaborado pelo autor



Figura 6 - a. *Myrcia brasiliensis*; b. *Myrcia multiflora*; c. *Myrcia palustris*; d. *Myrcia splendens*.



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 7 - a. *Psidium cattleianum*; b. *Psidium guajava*.



Fonte: elaborado pelo autor

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste estudo foram registradas 10 espécies de Myrtaceae na área do Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, sendo uma delas uma espécie exótica naturalizada. Os gêneros *Myrcia* e *Eugenia* foram os mais expressivos, representados por quatro e três espécies respectivamente.

A espécie *Myrcia multiflora* foi coletada pela primeira vez na área do PDLC, mesmo sendo facilmente encontrada em todos os locais de coleta. As espécies *Myrcia brasiliensis* e *Psidium guajava* também foram coletadas pela primeira vez no parque, embora a última foi encontrada em área antropizada e provavelmente se estabeleceu por meio de atividade humana.

Havia apenas um registro de *Eugenia uniflora* na área do parque segundo dados REFLORA e SPECIESLINK, o qual foi acrescido de mais três registros após os esforços de coleta do presente estudo. Apesar disso, os exemplares coletados também são provenientes de área antropizada e, portanto, possivelmente se estabeleceram através de intervenção humana.

Espécies pertencentes ao gênero *Eucalyptus* (por exemplo, *Guimarães & Falkenberg 729*, FLOR) são exóticas invasoras e não foram consideradas no presente trabalho. A espécie *Syzygium cumini*, também exótica, já foi citada na área do parque (GUIMARÃES, 2006), mas não foi encontrada em herbário ou em campo.

## 7 REFERÊNCIAS

- AIMI, L. A. **Lagoa da Conceição: o padecimento ambiental na espera por soluções**. 2023. 111 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- ARAUJO, D. S. D.; HENRIQUES, R. P. B. **Análise florística das restingas do estado do Rio de Janeiro**. In: LACERDA, L.D. et al. (Ed.). Restingas: origem, estrutura e processos. Niterói: CEUFF, 1984. p.47-60.
- BERG, O. 1855. Revisio Myrtacearum Americae. **Linnaea** 27: 1-128.
- BERG, O. 1856. Revisio Myrtacearum Americae. **Linnaea** 27: 129-512.
- BERG, O. 1857. **Myrtaceae**. In: Martius CFP (ed.) Flora brasiliensis. R. Oldenburg, Munich and Leipzig, Vol. 14, Pars I, pp. 1-468.
- BERG, O. 1858-1859. **Myrtaceae**. In: Martius CFP (ed.) Flora brasiliensis. R. Oldenburg, Munich and Leipzig, Vol. 14, Pars I, pp. 469-575.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Mata Atlântica**. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/biomas/mata-atlantica>>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- BRESOLIN, A. Flora da restinga da Ilha de Santa Catarina. **Insula**: Boletim do Horto Botânico, Florianópolis, SC, v. 10, p. 1-60, 1979.
- CANDOLLE, A.P. (1827) Dictionaire classique d'histoire naturelle. Vol. 11. Rey et Gravier, Paris. 406p.
- CECCA, C. D. E. C. E. C. **Uma cidade numa ilha**: Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora Insular, 1996.
- DANILEVICZ, E.; JANKE, H.; PANKOWSKI, L. H. S. Florística e estrutura da comunidade herbácea e arbustiva da Praia do Ferrugem, Garopaba-SC. **Acta Botanica Brasilica**, [S.L.], v.

4, n. 21, p. 21-34, 1990. FapUNIFESP (SciELO).  
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33061990000300004>.

DECHOUM, M. S.; GIEHL, E. L. H.; SÜHS, R. B.; SILVEIRA, T. C. L.; ZILLER, S. R. Citizen engagement in the management of non-native invasive pines: does it make a difference?. **Biological Invasions**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 175-188, 13 ago. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10530-018-1814-0>.

DIAS, A. C. **Abordagem biorregional da paisagem da Lagoa da Conceição: uma proposta de corredores ecológicos**. 2000. 121 p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2000.

*Eugenia in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB10338>>. Acesso em: 21 set. 2023

FALKENBERG, D. B. **Aspectos da flora e da vegetação secundária da restinga de Santa Catarina, sul do Brasil**. 1999. Insula. v. 28, p 1-30.

FLORAM. **Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição**. Florianópolis: Prefeitura Municipal, 2019. Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/imagens/18\\_12\\_2019\\_19\\_07\\_4a01ce800441af88cec022560ae67f53.jpg](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/imagens/18_12_2019_19_07_4a01ce800441af88cec022560ae67f53.jpg). Acesso em: 01 dez. 2023.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 10.388, de 05 de junho de 2018**. Dispõe sobre a criação da unidade de conservação Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição. Florianópolis: Prefeitura Municipal, 2018. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2018/1039/10388/leiordinaria-n-10388-2018-dispoe-sobre-a-criacao-da-unidade-de-conservacao-parque-natural-municipal-da-sdunas-da-lagoa-da-conceicao>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FLORIANÓPOLIS. **Lei No 231 de 16 de setembro de 1988**. Dispõe sobre a criação do Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, conforme especifica. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1988/23/231/decreto-n-231-1988-dispoe-sobre-criacao-do-parque-municipal-das-dunas-da-lagoa-da-conceicao-conforme-especifica>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GOMES, M.A.M. **Fitossociologia do componente arbóreo de um remanescente de mata de restinga na orla da Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC**. Orientador: Daniel de Barcellos Falkenberg. 2003. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GUIMARÃES, T. B. **Florística e fenologia reprodutiva de plantas vasculares na restinga do Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC**. 2006. 107p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal)-Programa de pós-graduação em Biologia Vegetal Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GÜTTLER, F.N. **Mapeamento da vegetação do Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC**. 2006. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

LEGRAND, C.D. 1961. **Mirtáceas del Estado de Santa Catarina (Brasil)**. Sellowia 13: 265-363.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1967. **Mirtáceas: Gomidesia**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 2-44.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1969a. **Mirtáceas: Eugenia**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 46-216.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1969b. **Mirtáceas: Myrcia**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 218-330.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1970. **Mirtáceas: Myrceugenia**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 332-453.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1971a. **Mirtáceas: Marlierea**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 456-487.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1971b. **Mirtáceas: Calyptranthes**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 490-552.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1972. **Mirtáceas: Calyctorectes**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 554-569.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1977a. **Mirtáceas: Campomanesia, Feijoa, Britoa, Myrrhinium, Hexachlamys, Siphoneugena, Myrcianthes, Neomitranthes, Psidium**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 572-730.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1977b. **Mirtáceas: Suplemento I**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp 2-34.

LEGRAND, C.D. & KLEIN, R.M. 1978. **Mirtáceas: Myrciaria, Pseudocaryophyllus, Blepharocalyx, Espécies suplementares, Espécies cultivadas, Generalidades**. In: REITZ, R. (Ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues. Pp. 733-876.

LIMA, D. F.; CADDAH, M. K.; GOLDENBERG, R. A família Myrtaceae na Ilha do Mel, Paranaguá, Estado do Paraná, Brasil. **Hoehnea**, [S.L.], v. 42, n. 3, p. 497-519, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-68/2014>.

LUCAS, E. J. et al. A New Subtribal Classification of Tribe Myrteae (Myrtaceae). **Systematic Botany**, [S.L.], v. 44, n. 3, p. 560-569, 6 ago. 2019. American Society of Plant Taxonomists. <http://dx.doi.org/10.1600/036364419x15620113920608>.

LUCAS, E. J. et al. Suprageneric phylogenetics of Myrteae, the generically richest tribe in Myrtaceae (Myrtales). **Taxon**, [S.L.], v. 56, n. 4, p. 1105-1128, nov. 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.2307/25065906>.

MCVAUGH, R. THE GENERA OF AMERICAN MYRTACEAE — AN INTERIM REPORT. **Taxon**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 354-418, ago. 1968. Wiley. <http://dx.doi.org/10.2307/1217393>.

MELO JÚNIOR, J. C. F. de; BOEGER, M. R. T. Riqueza, estrutura e interações edáficas em um gradiente de restinga do Parque Estadual do Acaraí, Estado de Santa Catarina, Brasil. **Hoehnea**, [S.L.], v. 42, n. 2, p. 207-232, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-40/2014>.

MYBURG, A. A. et al. The genome of *Eucalyptus grandis*. **Nature**, [S.L.], v. 510, n. 7505, p. 356-362, 11 jun. 2014. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/nature13308>.

MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, [S.L.], v. 403, n. 6772, p. 853-858, fev. 2000. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/35002501>.

OLIVEIRA, M. G. **Composição florística de um remanescente de restinga arbustiva de Jaguaruna, litoral sul do estado de Santa Catarina, Brasil**. Orientador: Elias, Guilherme Alves. 2020. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2019.

OLIVEIRA, M.I.U.; COSTA, I.R.; PROENÇA, C.E.B. *Campomanesia in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB10307>>. Acesso em: 14 set. 2023

PEEL, M. C.; FINLAYSON, B. L.; MCMAHON, T. A. Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. **Hydrology and Earth System Sciences**, 11, 1633–1644, 2007.

PELLIS, V. F.; FERREIRA R. B.; CADDAH M. K. Sinopse de Myrtaceae Juss. no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC, Brasil. **Hoehnea**, [S.L.], v. 48, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-20/2021>.



POWO. **Plants of the World Online**. 2023. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em: <http://www.plantsoftheworldonline.org/>. Acesso em: 14 set. 2023.

CASAN (Florianópolis). **Programa de Recuperação de Áreas Degradadas – PRAD**. Florianópolis: Casan, 2021a. 80 p. Disponível em: [https://www.casan.com.br/ckfinder/userfiles/files/Documentos\\_Download/PRAD%20v1.pdf](https://www.casan.com.br/ckfinder/userfiles/files/Documentos_Download/PRAD%20v1.pdf). Acesso em: 30 nov. 2023.

PROENÇA, C.E.B. et al. *Myrtaceae in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB171>>. Acesso em: 13 set. 2023.

PROENÇA, C.E.B.; COSTA, I.R.; TULER, A.C. *Psidium in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB10853>>. Acesso em: 14 set. 2023

REFLORA - HERBÁRIO VIRTUAL. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/> Acesso em 15/6/2022.

REITZ, P. Q. Vegetação da zona marítima de Santa Catarina. *Sellowia*, v. 13, p. 17-115, 1961.

SANTOS, M.F.; Amorim, B.S.; Burton, G.P.; Fernandes, T.; Gaem, P.H.; Lourenço, A.R.L.; Lima, D.F.; Rosa, P.O.; Santos, L.L.D.; Staggemeier, V.G.; Vasconcelos, T.N.C.; Lucas, E.J. *Myrcia in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB10672>>. Acesso em: 21 set. 2023

SCHERER, A.; MARASCHIN-SILVA, F.; BAPTISTA, L. R. de M.. Florística e estrutura do componente arbóreo de matas de Restinga arenosa no Parque Estadual de Itapuã, RS, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 717-726, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33062005000400006>.

SILVA, S.M. **As formações vegetais da planície litorânea da Ilha do Mel, Paraná, Brasil : composição florística e principais características estruturais.** 1998. 262 f. Tese (Doutorado) - Curso de Biologia Vegetal, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, Sp, 1998.

SIQUEIRA, C.E.V.B. **Levantamento fitossociológico pós-fogo na restinga herbácea e arbustiva do Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina – SC.** Orientador: Daniel de Barcellos Falkenberg. 2004. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SPECIESLINK, 2018. Disponível em: <https://specieslink.net/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

THORNHILL, A. H. et al. Interpreting the modern distribution of Myrtaceae using a dated molecular phylogeny. **Molecular Phylogenetics And Evolution**, [S.L.], v. 93, p. 29-43, dez. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ympev.2015.07.007>.

VASCONCELOS, T. N. C. et al. Myrteae phylogeny, calibration, biogeography and diversification patterns: increased understanding in the most species rich tribe of myrtaceae. **Molecular Phylogenetics And Evolution**, [S.L.], v. 109, p. 113-137, abr. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ympev.2017.01.002>.

VIEIRA, F. C. S. **Myrtaceae Juss. no Alto Quiriri, Garuva, Santa Catarina, Brasil.** 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

WAGNER, M. A.; FIASCHI, P. Myrtaceae from the Atlantic forest subtropical highlands of São Joaquim National Park (Santa Catarina, Brazil). **Rodriguésia**. [S.L.], v. 71. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-7860202071006>.

WAGNER, M. A. **Myrtaceae no sul da Mata Atlântica: a flora altomontana do Parque Nacional de São Joaquim, relações florísticas e condicionantes geoclimáticos.** 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Biologia de Fungos Algas e Plantas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

WCSP (2022). World Checklist of Selected Plant Families. Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em <<http://wcsp.science.kew.org/>>. Acesso em 21 de maio de 2022 .

WILSON, P.G.; HESLEWOOD, M. M.; TARRAN, M. A. Three new tribes in Myrtaceae and reassessment of Kanieae. **Australian Systematic Botany**, [S.L.], v. 35, n. 4, p. 181, 2022. CSIRO Publishing. <http://dx.doi.org/10.1071/sb21032>.

WILSON, P. G. Myrtaceae. In: KUBITZKI, K. (ed.). **The Families and Genera of Vascular Plants: flowering plants, eudicots, sapindales, cucurbitales, myrtaceae**. Vol. 10. ed. Hamburg: Universität Hamburg, 2011. Cap. 14. p. 212-271. Springer Berlin Heidelberg. <http://dx.doi.org/10.1007/978-3-642-14397-7>.

WILSON, P. G. et al. Myrtaceae revisited: a reassessment of infrafamilial groups. **American Journal Of Botany**, [S.L.], v. 88, n. 11, p. 2013-2025, nov. 2001. Wiley. <http://dx.doi.org/10.2307/3558428>.